

ENTREVISTA COM O Sr CASSIMIRO E Sr ANGELO CAMILLO CABOQUINHO (1h. e 12 min.)

Sertão de Itaúnas, 04 de janeiro de 2009, as 15 horas e 30 minutos.

Entrevistadores: Osvaldo M. Oliveira, Fernanda de Castro, Antônio de Oliveira,
Ricardo Sá e Luiz Henrique Rodrigues

Cassimiro – Adolfo Ferrera (...) Já fazia essa brincadeira, ele e Liberato Farcão.

Caboquinho – Era os dois mestres, mestre e contramestre.

Cassimiro – É mestre e contramestre.

Fernanda – Bernardo facão?

Caboquinho – É

Fernanda – E quando (...) assim Bernardo Facão?

Cassimiro – Bernardo não, é Liberato.

Caboquinho – Liberato.

Fernanda – Liberato.

Osvaldo – Liberato Facão?

Cassimiro – Facão.

Caboquinho – Agora, agora uma coisa que já me surpreendeu, com a, O cassimiro quando às vezes passa um pouco a entrevista (...) ele fala olha ele já me fez essa pergunta hoje aí na estrada, te dei ...Pedro Bongado. Não passo por mais dois pra chega até Bongado (...)

Cassimiro – É verdade.

Caboquinho – Porque eu conversei muito. Irmão de Tião sou conversadeiro demais, eu pego mentira pra caramba. Eu conversei muito com a avó dele, vovó Livínia ...

Cassimiro – Isso aí valeu Caboquinho.

Caboquinho – Vovó Livínia, isso aí já foram gente que já trabalharam na escravidão.

Cassimiro – A veia Casurina.

Caboquinho – A Veia Casurina era mais parteira, né? Mais de conta essas coisa era a vó Cleuda. Vovó Livínia avó dele. Vovó Livínia avó dele, isso aí eu tinha (choro de criança atrapalhando escutar)... ‘Caboquinho corta esse pão pra mim’. Ela tinha assado o pão. Eu metia a faca naquele trem.

Cassimiro – (Risos) mais eu to cocando aqui to puxando os assuntos (...) elas gostava de conversar muito comigo, né?

Caboquinho – Elas morreram. A gente nunca viu ao menos o santo dela não.

Cassimiro – De jeito nenhum.

Fernanda – Ah elas eram do tempo da escravidão, elas foram escravas?

Caboquinho – Trabalharam na escravidão ali em baixo na ruína com o Barão de Timbuí.

Fernanda – Ela era mãe do Pedro? Como era o nome dela?

Caboquinho – Livinia.

Fernanda – Livinia?

Cassimiro – Livinia.

Fenanda – Ela trabalhou com o Barão de Timbuí?

Cassimiro – Trabalho.

Caboquinho – Trabalho.

Fernanda – Na fazenda?

Caboquinho – Trabalho.

Cassimiro – Na fazenda ali perto daquela igreja ali. Inclusive ainda tem uma parede em pé, ia desmancha mais, a parede de pedra, né Caboquinho? Porque o, o, os IBAMIS o pessoal do IBAMA num deixou derrubar aquela, aquela parede. Mais tinha muita pedra ali, era um prédio.

Caboquinho – É eu conheci ele em pé.

Cassimiro – Pois é, eu também conheci ele... O (...) dele era pequeno assim ó, com medo assim ó (risos)

Osvaldo – Agora, assim, a gente gostaria que vocês contassem, vocês começaram a falar aí quantos são do Bongado as pessoas, que até agora a gente tava conversando que agora ele vai começar a filmar.

Ricardo – É eu só vou precisar de uma coisa, fala.

Caboquinho – Quer dizer que vocês num vão ser assim, vão perguntar não, ele vai contar né?

Osvaldo – É a gente vai perguntando junto, entendeu?

Caboquinho – Ah vai perguntar, vão fazer a pergunta, ele vai saber responder, aí então ‘tá bom, aí é bom.

Ricardo – A única coisa que eu vou pedir ao senhor é ficar do lado de cá porque aí tá tendo sol aí.

Caboquinho – Tudo a gente combina. É pra eu ficar do lado de cá, quer que eu sente no chão também? (Cassimiro preferiu sentar no chão).

Ricardo – Ai ‘tá bom. É senhor simpático assim.

Cassimiro /caboquinho – (risos)

Ricardo – vocês que vão fazer pergunta é assim, vocês vão ficar aqui ó.

Caboquinho – Pode pergunta sem medo que eu pudê sabê eu respondo. Mais tudo é ele, num sô eu não.

Cassimiro – Que eu num subê você sabe você responde (Risos)

Caboquinho – Respondo sim.

(...)

Oswaldo – Tá então Cassimiro fala o nome completo do senhor pra gente aí.

Cassimiro – Cassimiro José Caetano

Oswaldo – O nome do pai do senhor mesmo?

Cassimiro – Pedro, Pedro José dos Santos, mais o apelido é Pedro Bom Gado.

Caboquinho - É bom gado que a região aqui é tudo chamado Pedro Bom gado, num era?

Cassimiro – É.

Oswaldo – I. Fala um pouco de Pedro Bom gado como é que é, como que ele era, o que ele tinha por aqui, é ...?

Cassimiro – O eu ele tinha de herdeiro, é uma terra que essa daqui é tudo bem, trabalhava, ele gostava de uma farrazinha, gostava de um jango de caboclo (...) bate daí ó e tudo bem e ficava lá dentro do ticumbi.

Caboquinho – Que era o mestre de ticumbi.

Cassiano – Ticumbi. Só tem uma coisa o respeito dele era respeito mesmo, muleque que não entrasse bem com ele, ele botava pra fora, num era? Num era como hoje em dia que tem o ticumbi porque eis não sabe nada, se desse uma, um falasse não, falasse um esporro, eu já vou me imborra. Vai fazer um mestre ticumbi se cala. Mais de primeiro

não, porque ele brigava, ele num brigava assim , mais ele falava sério, sério, sério mesmo e chamava e depois ...

Caboquinho – Adulava ele ainda (risos) Esse aqui tinha um tinhu, ele respeitava o tinhu dele, Antônio Cochane.

Cassimiro – Isso aí era. Numa ocasião, eu era soteiro né, tem ensaio lá ...pra lá de (...) chamado miúdo. A mãe desse aqui deu ensaio geral. Eu era soterio gostava muito da farra né, hoje em dia eu to gastando miúdo, aí fiquei com mais (...) véio fiquei ali com as menina ali dançando baile vai daqui quando vai vê o ensaio já foi fora de hora. Quando eu cheguei lá, eu comprei uma meota (risos), quando eu cheguei lá , tava assim, agora que você veio seu (...) tava lá seu Antero, o Cossane e tudo bem aí papai pego, agora que você veio seu cachorro? Falô bem assim comigo. A papai eu não tenho cupa.. Papai eu posso brinca? – Num pode não. – Então posso imbora? – Pode imbora, pode imbora. Olha chego a mãe desse aqui, chego o pai dele pra eu fica, deu conselho pra ele dexe eu brinca, todos eles, Antero, Antero não. E todos eles, o pai de, de, de o Genevino.

Caboquinho – Genevino não, (Denobres).

Cassimiro – Falô cum ele. Num ele num brinca não, ali o tii dele Antônio Cossane aí até. Pedro vem cá dexe o rapaz brinca rapaz, ele se interteu lá cum as menina lá na rua e se esqueceu, e tudo bem. Ele então disse – É Antero mais Cossane só vocês mesmo. Aí que eu brinquei. Deu vontade de eu vim imbora, eu primeiro luga eu já tinha pensado lá em Ituana era canoa, tinha que grita passagem, eles num aí faze isso tal, dela tinha que traça o rio lá pagava vinha, disse há num vo purai não, num também entrando aí. Foi que eu, aí depois em todos casos por causa de Antero e Cossane você vai brinca. Era desse jeito Ninguém vacilava com ele não. Se vacilasse ó ele botava pra fora. Tinha um cumprade Agimiro ele, ele era contra-guia mais as veis papai fazia ele chora e brigava mesmo, num brigava feio di,di,di ...

Caboquinho – Mais dava esculacho.

Cassimiro – Mais se fosse hoje em dia a brincadera que tão aí eu duvido. Dexe a bricadera assim ó, ó pode imbora, pode imbora, esse meu primo sabe disso.

Caboquinho – Agora vô fala um poquim. O velho que foi do Bom gado (...) antes dele vim pra cá, ele foi o terceiro que se dedico se o mestre da brincadera (...) então mais só que esse respeito que ele tá falando aí toda vida teve, toda vida teve pelo otro lado a gente testa fazendo uma coisa que você me fez essa pergunta eu tive que respondê, vou te respondê agora. Hoje o ticumbi dos Bom Gado já tem dois galhos, mais os dois galhos por falta du que? – Diciprina, falta de respeito, num é mais uma bricadera tradicional como a gente se pensa num é mais, porque um mestre que nem o Veio Pedro do Bom Gado falava Caboquinho você não vai brinca, você não vai brinca, Cassimiro você não vai brinca, você não vai brinca e tem uma coisa vai imbora cara cabo vai imbora vai imbora num entrava mais tá.

Cassimiro – É ixatamente.

Caboquinho – Então a gente tinha aquela, aquele respeito poressas brincadeira i outra , que o veio Pedro Bom gado foi o terceiro do Barão de Timbuí, mais ele manteu essa tradição até quando ele faleceu. Pra daí depois que começo, sem decaracteriza.

Ricardo – Desculpa, eu acabei de vê que o sinhô ta com camisa de propaganda e é proibido.

Caboquinho – A é?

Ricardo – Vai te que tirá. É todo falando sério é proibidissimo, depois eu vote que corta a entrevista do sinhô porque não pode faze propaganda política não.

Caboquinho – Então ta bom.

Ricardo – O sinhô se importa tira?

Caboquinho – Eu posso tira (...)

(...)

Ricardo – Então ta bom, então assim faz só um resumo desdo início só pra gente num perder o que vocês falaram discupa mais agora que eu me toquei também. Gravando.

Osvaldo – (...) quando tava Seu Cassimiro falando tava focando Seu Caboquinho também?

Ricardo – Os dois é.

Osvaldo – Então Seu Cassimiro discupa agente realmente num percebeu ...

Caboquinho – Vai começa tudo de novo outra vez (...)

Ricardo – Mais o que interessa mais é a história mesmo, o sinhô não precisa conta o causo de novo não né.

Osvaldo – É fala dessa história ai do seu pai, como começo, que nois tava perguntando, o que ele plantava aqui, onde ele morava, onde fazia as brincadeiras, Você falô que ele gostava de jongo, de ticumbi?

Cassimiro – Ele gostava do jongo, gostava dum samba e via de no de primeiro da fulia ele gostava há que de sepe bera rio, dava muita durmida, matava uma leitoa da pra, comia e tudo bem . I quando é la do ticumbi, é o ticumbi ele pegava ensaia no mês de novembro onde foi u... de quinze em quinze dia até o dia da festa. Bom no dia da festa de São Sebatião nois saia daqui no dia dezessete, dezessete tim insai geral, dia dezoito nois chegava, dia dezenove nois brincava na porta da Igreja de São benedito. Nois brincava e de tarde acompanhava a procissão no outro dia representava São Sebastião, além disso como , dia vinte, no dia vinte um começava a farra dos congos com tomando cerveja ...

Caboquinho – A comunidade né.

Cassimiro – Comunidade e a cerveja naquela época num essa cerveja gelada não é cerveja quente. O mestre do, irmão da Dovina, é Vascocelo gostava da farra também. Tudo desse jeito. Mas agora tomou, agora numas minhas pernas num dá mais. Agora eu sai da brincadeira, por causa de umas filha que tão nova. Falo a verdade. Tem dois, eu brinquei muito com Antero, eu e Antero num separava do grupo, do grupo nois saimo, eu sai, desde que me tiraram eu sai.

Caboquinho – I o veio Pedro Bom Gado foi um mestre de ticumbi, ticumbi o terceiro mestre da escravidão pra ele foi o terceiro mestre sabe. Mais foi um home que existia disciplina no grupo da brincadeira de Pedro Bom gado, porque hoje a gente se vê aí o que o Cassimiro falou ninguém respeita mais ninguém tem aquela tradição mesmo sabe então fica assim caracterizada a brincadeira, mais a gente num é muito(...) mais tem que um dia te ao menos um grupo que possa se dedica a uma história bem antiga igualmente o sinhô de Bom Gado tinha porque o que falta é isso aí. Porque o Seu Cassimiro hoje ele era pra tá comandando esse baile de congo. Isso é uma raiz dele. Ele sentiu falta, eu tenho certeza que ele sentiu falta. Porque ele sentiu falta? Porque eu tive conversando com um rapaz de outro grupo de brincadeira, esse cara disse assim - Olha eu entri quando era garoto e só vou sair quando morrer. Seu Assendino que brica no ticumbi de Terto faleceu, meu estado só entrego quando botarem em cima do meu caixão, isso aconteceu. Então a gente sunta assim que a família ela é raiz de uma brincadeira, ela sente muita falta e se não senti falta ele precisa criar uma atividade muito boa pra num dera a cultura se acaba né, é que nem ele, ticubim de Pedro Bom Gado num é mais ticumbide Pedra Bom gado, é invertido o ticumbi.

Cassimiro – É verdade.

Caboquinho – O Pedro Bom Gado era um sinhô muito trabalhado aqui, um sinhô de muito respeito, tinha roça, tinha bastante porco aqui no norte, no sertão se Itauna. Todo mundo aqui tinha as suas festas, festas junina, aqui a gente tinha de mais aqui. Com muito respeito.

Ricardo – O que o sinhô lembra mais de detalhe, quem era as pessoas que faziam a brincadeira, com as pessoas se juntavam, o que o sinhô acha que mudou de lá pra cá, relebrando a memória do sinhô.

Caboquinho – Memória dos congo que se ajuntava na sua época que você brincava.

Cassimiro – Eu do, do, do que eu brincava era o Antero, Agimiro, Eduardo Arão.

Caboquinho – Benedito Neto.

Cassimiro – É esse menino Cossane.

Caboquinho – Benedito Neto.

Cassimiro – Um tal Benedito Neto.

Caboquinho – Virgílio.

Cassimiro – Virgilio.

Caboquinho – Benedito Junio.

Cassimiro – Benedito Junio, Lauro.

Caboquinho – Lauro.

Cassimiro – Zé Lauro é vivo hoje em dia.

Caboquinho – Isso ai é só desse tamanho assim.

Ricardo – Mais como era o pique da brincadeira, da união (...) como era o encontro das pessoas?

Caboquinho – Posso fala? Bom então o velho Pedro Bom gado ele quando faz um insaio, por exemplo, hoje é sábado, ele saia quatro cinco dias antes ajuntando o grupo todos eles pra dia de sábado se faz um insaio.

Cassimiro – Se acha tudo na casa dele.

Caboquinho – Mais era na casa dele né. Ai fazia aquele insaio na casa dele. Ai se ajuntava aquele grupo. Tem um grupo de ticumbi principalmente que eu conheço muito, é o grupo mais unido que se tem, é um grupo mais unido que se tem, nois vão comê, nois vão bebê se fô um pão tem que dá pra dizoito pessoas. Então é uma maravilha, então isso ai é coisa muito importante que eu tenho orgulho de fala isso porque eu já brinquei e hoje sô mestre num grupo também de ticumbi. Sabe então é uma maravilha um grupo de ticumbi faz os encontro, os insaios pra dança forró, isso é uma maravilha, porque um grupo de ticumbi eles são um airmandade, todo luga que se encontra nois somo amigo, nois somo irmão, todo luga, num caça briga um cum outro, num tem nada não.

Cassimiro – É verdade.

Caboquinho – Porque isso ai se chama a lei do Barão de Timbui, Porque o Barão de Timbui ele criou.

Cassimiro – Os escravo Criô.

Caboquinho – Essa brincadeira foi ali ó, no rigo mesmo dentro daquela comunidade ali ó.

Cassimiro – É exatamente, verdade.

Caboquinho – Criado ali sabe. Então isso ai foi uma coisa que ele dexo, isso viro uma tradição da cultura porque vovó Livina, vovó Cristiana converso muito com a gente ela dava muito detalhe e ela dizia assim: Meu filho você precisava de vê que coisa bonita o Barão de Timbui no meio da roda de ticumbi, no meio de uma roda de jango tudo isso ele fazia. Agora quando saia dali era mau. Era um devoto e era um devoto mau o Barão de Timbui sabe. Na hora de trabalha ele trabalhava, trabalhava mesmo, ele judiava fazia de tudo, mais na hora de qualquer festa os escravos era libertado porele pra fazer a festa.

Num suntava quantos dias ficava, queria sabe que era festa deles, eles dexava, assim falava essas pessoas que cunversei muito cum eles né.

Osvaldo – Então essa donas Casiana, como é o nome delas, você falô?

Caboquinho – Livina.

Osvaldo – Livina.

Caboquinho –E a velha Cristiana.

Osvaldo – Cristiana.

Caboquinho – Vovó Cristiana.

Osvaldo – Vovó Cristiana.

Caboquinho – hé (risos)

Osvaldo – Elas tinha o que, tinham sido do tempo da escravidão?

Caboquinho – Do tempo da escravidão, depois (...) foi pra uma cadera de roda, foi feito de tudo, di tudo, ditudo pelo Barão de Timbui.

Cassimiro – Certo mesmo.

Osvaldo – Elas eram forneiras?

Caboquinho – Fornera também, torrava farinha, plantava roça, fazia de todo trabalho né, que hoje a cutura pede eles fazia praticamente gratuito, sem ganha dinheiro, e hoje ganhando dinheiro ninguém que trabalha(risos).

Osvaldo – Então, mais é o baile de congo ele foi criado pelos escravos ou pelo Barão você tava falando?

Caboquinho – Olha me falando vovó Livina, você agora ne fez uma boa pregunta. Me falando vovó Livina que os escravos trusseram da África o ticumbi, o ticumbi nosso não é brasileiro ele é africano, como são varias coisa que todo mundo sabe, nois também sabemos sobre o ticunbi. Então eles brincavaai dava a hora do almoço, a janta , a dormida eles insaiava Mais sem autoridade né. Ai o Barão gostô, fez aquela festa, aquela festa pra eles,fez aquela reunião cum eles eles falaram que lá tinha aquela brincadera e eles sintia falta em faze, ai ele foi libero, libero e crio o baile de ticumbi. O aliais, hoje se chama ticumbi que essa palavra até hoje não pude encontra qual é a palavra do ticumbi porque mestre Cassimiro que ta aqui num vai dize que é mintira. Antigamente se chamava baile de congo de São Benedito, num era?

Cassimiro – Era ixatamente.

Caboquinho – Depois vira ticumbi, que eu acho voves precisa procura qual é essa palavra ticumbi porque num intendo essa palavra ticumbi, conheço como baile de congo de São Benedito né. Então o baile de congo de São Benedito foi criado assim desse jeito

com uma grande autorização do Barão de Timbui e vovó Livina e vovó Cristiane essa duas senhoras, eu cortava fumo pra elas e elas me contava isso, (...) ficava ali parado conversando, puxando porque eu agradeço muito a Deus a disgrama que eu sô muito cunversado ta. Eu agradeço muito a Deus porque eu sô uma pessoa muito curioso das coisa, eu gosto de saabe dos resultados, gosto sempre. Foi a onde hoje eu peguei isso ai e a gente, acho uma coisa muito importante o trbalho de vocês faze isso, porque você pode chega hoje fora do Seu Cassimiro você num vai acha um mestre pra conta a história do ticumbi não. Ai vai morre mais uma cutura.

Cassimiro – É acontece mesmo.

Ricardo – O senho lembra o que o pai senho conveçava com o senho sobre ticumbi,as mensagens que ele passava pro senho, os ensinamentos o senho lembra disso?

Cassimiro – Lembro sim. Bate bamdero, toca viola e tinha as espada duas, os secretários dois secretários, dois reis, então era isso num é?

Caboquinho – Canta as marcha.

Cassimiro – Canta a macha, a macha em canoa pra chega em Itauna, canoa grande. Canoa de cinqüenta saco, duas canoa encangado assim ó junto e assim de gente acompanhado na canoa. Dali do Cabral, do Cabral lá em Itauna Velha.

Osvaldo – Vocês começava lá do Cabral?

Cassimiro – É começava. A canoa vinha busca cá. Ai a canoa ia com aquelas bandera, aquelas bandera e aino rio tocando a viola batendo pandero e tudo, quando chegava perto de Itauna cantava as marchas pra chega.

Caboquinho – É muito fogos.

Cassimiro – É muitos fogos e tudo bem.

Osvaldo – O senho lembra de alguma dessas marchas? Que vocês cantava lá no ticumbi?

Cassimiro – É ainda lembro um pouco. Do rio?

Caboquinho – É do rio.

Osvaldo – Do rio...

Cassimiro – Da chegada, da balançada do rio:

“E vem chegando (...) /e vem vê seus devotos moça bonita/
e vem seus devotos de São Beneditos,/ e vem seus devotos de São Benedito /e vem seus devotos de São Benedito.”

Isso ai já era. Vim canoa como daqui lá, canoa lá de baixo, voltava assim. Num era moto não era remo.

Osvaldo – Braço.

Cassimiro – De braço, voltava ...

Antônio – Muita gente acompanhava?

Cassimiro – E como Nossa Senhora. Na beira dório tava assim de gente esperando.

Osvaldo – O seu pai o Pedro Bom Gado ele foi mestre por quantos anos?

Cassimiro – Rapaz ele papai foi mestre eu num sei quantos anos, eu sei que brinquei junto cum ele uns quarenta e cinco anos. Ai quando eu entendi por gente papai já era mestre já. Já era mestre ai eu fui criando, fui crescendo, crescendo e depois entrei na brincadera, entrei na bricadera cum dezoito ano.

Osvaldo – Entro com dezoito ano?

Cassimiro – Entrei com dezoito ano.

Osvaldo – Seu pai já era mestre?

Cassimiro – Já era mestre. Ele e Liberato farcão.

Osvaldo – Ele e Liberato Falcão?

Cassimiro – É

Osvaldo – E quando seu pai morreu você tinha que idade?

Cassimiro – Quando papai morreu?

Oasvaldo – é.

Cassimiro – Já tava cum, jatava cum trin..., num é fácil não, eu já tava cum quaren... eu tava cum cinqüenta ano já.

Osvaldo – Cinqüenta ano?

Cassimiro É porque quando eu entrei na bricadera ele ta cum quarenta, papai já morreu, papai morreu com sessenta e seis anos. Eu já era, tinha filho, tudo.(...)

Ricardo – O que o senho acha que o ticumbi ensinou pro senho, vida do senho, pra educação do senho, pro jeito de ser do senho?

Caboquinho – O que você acha?

Cassimiro – Eu acho. Me insinou muita coisa e eu também num prestei muito atenção não né. Num posso explica por eu num sei né.

Osvaldo – Pra vida assim é. Pra vive mesmo é o sinhô valo assim que era muito rigoroso o pai do sinhô. Então o ticumbi ah o ensinamento que o seu pai transmitiu pro sinhô lá desse, essa coisa de se rigoroso pra vida do sinhô serviu, como que foi?

Cassimiro – Serviu né.

Osvaldo – O sinhô tava falando que o pai do sinhô morreu o simho tinha mais ou menos cinqüenta ano?

Cassimiro –Cinquenta ano.

Osvaldo – Só ai são trinta e dois anos o sinhô começo com dezoito ele já era velho?(...) E antes do seu pai como era o nome do mestre?

Cassimiro – Mestre?

Osvaldo – É. Antes do seu pai?

Cassimiro – Antes do meu pai? Era finado Rafael Ferreira, ô ô é era Perera (...) Perera Rafael. Papai brinco muito de contra-guia mais Rafael Perera.

Osvaldo – Seu pai era contra-guia?

Cassimiro – Era contra-guia. Depois o Rafael Perera morreu, ai papai tomo conta do ticumbi, tomo conta do ticumbi dos bom gado, boto ai apilido por Ticumbi dos Bom Gados. Um é. Caboquinho?

Caboquinho – Sim.

Fenanda – Antes do Rafael o sinhô lembra que era que brincava?

Cassimiro – Num alembro não, nesse tempo eu era. Acho que nem era nascido ainda (risos).

Caboquinho – Eu acho que... pode fala?

Cassimiro – Pode.

Caboquinho – Eu acho que do tempo do finado Rafael que ele recebeu, que eu num conheci ele também não né. Eu acho que ele já recebeu já do tempo da escravidão também né. Brinco na escravidão, ele brinco na escravidão. Porque da escravidão eu tenho assim, eu faço essa pesquisa que ele foi o primeiro. O primeiro foi o negro vamo joga assim. Segundo foi o Rafael, do veio Rafael foi Adolfo Perera da mesma família.

Cassimiro – Da mesma família.

Caboquinho – Do Adolfo Perera, mais Adolfo Perera já não pego a escravidão, já foi o pai dele. Do pai dele. O pai dele quando faleceu ta com dezessete ano, agora vocês vão sabe quantos anos tem que ele é morto, vão vê se Cassimiro ta falando certo. Eu tava com dezessete ano hoje to com sessenta e oito.

Osvaldo – Então já tem, já tem cinqüenta anos cinqüenta e um anos que o pai dele morreu?

Caboquinho – Que o pai dele é morto né. Só que ele já era um home já é de idade também. Morreu novo não era um home de idade.

Cassimiro – Era um home de idade.

Caboquinho – E quando ele faleceu fico, abricadela fico dois anos parada. Que ele se intusiasmo, mais o outro rapaz que suspenderam a brincadela, sabe? Agora o Cassimiro brinco ate pouco, porque pelo que ele acabo de fala ai, ele tomava umas cachaça, ele num tinha uma coisa tradição que ele pensô, botaram ele pra fora. É só que o dono do ticumbi do bom gado é ele (risadas).

Osvaldo – Então o sinho tem que idade hoje Seu ...?

Cassimiro – Eu. Tô com oitenta.

Osvaldo – Oitenta?

Cassimiro – É.

Osvaldo – O sinhô faz aniversario que dia?

Cassimiro – Que eu faço aniversario?

Osvaldo – É.

Cassimiro – No dia quinze de novembro.

Osvaldo – Quinze de novembro. Então o sinhô é di mil novecentos e trinta, mil no vecentos e vinte e nove porai ou antes?

Cassimiro – Im antes. Parece vinte e oito.

Osvaldo – mil novecentos e vinte e oito.

Caboquinho – To com a memoriazinha boazinha ainda.

Osvaldo – Ele é quatorze anos mais velho, setenta e seis você falô, ele é quatorze anos mais velho que o sinhô?

Caboquinho – Eu tenho sessenta e oito.

Osvaldo – Sinhô tem sessenta e oito?O sinhô nasceu quando?

Caboquinho – Rapaz. Eu so de mil novicento e quarenta, foi nascido num dia de sexta-feira porisso que eu sô muito baguncero (risos). É dizem quem nasce dia de sexta-ferira conversa muito. Assim falava minha mãe né.

Osvaldo – O pai do sinhô ai que era o PedroBom gado é que era o mestre assim, ele contava as histórias pro sinhô. Como é que era? Pra vocês, pra os filhos...?

Cassimiro – É ele contava história mais naquele tempo era pequeno, era artero, eu num prestava atenção muito não (risos).

Caboquinho – Posso te fala?

Osvaldo – Pode.

Caboquinho – O pai dle como era conhecido, ele era um home de poca conversa. Rea igual o meu pai. Nunca pensô de aprende e insina que hoje o nosso mundo nosso país vive tão aberto, que tudo que os pais têm, têm passá prus filhos e as vivencia dos pai, cada pai é seus filhos passa sabe das coisa num é isso?

Cassimiro – É.

Caboquinho – No tempo dele no tempo meu que eu to com sessenta e oito anos, os pais da gente dava a mínima pra gente. Se quisé fala, se quisé aprendê, aprende as suas custa que tem essa palavra ainda, adrenda as suas custa, pronto acabo, ele num insinava. Era assim que era o rítimo, conversava poco.

Osvaldo – Mais ele levava o filho pra brincadera?

Caboquinho – Levava.

Cassimiro – Levavasim.

Caboquinho – E se não levava apanhava (risos).

Osvaldo – Tal vez a, será que não tinha havê que o filho aprendesse fazendo?

Caboquinho – Eu acho que sim. Aprendesse fazendo né. Eu acho que era isso ai que pensava, mais num pensava assim eu vô faze isso faze aquilo, num fazia não. Os pais da gente não conversava cum a gente igual eu hoje converso com meus filhos. Olha eu com vinte e dois anos, soltero, com vinte um, com vinte dois eu me casei. Mamãe dexa eu i dança um forró? Vai nada.

Cassimiro – É verdade mesmo.

Caboquinho – Num vai, num vai, cabo. Hoje não, quando eu vejo meus filho ele já vem. Eu fui lá no forró, tava lá no forró, já vem do forró. Falava isso, falava não fala. E hoje o ser humano sota desse jeito, então a coisa, os pai hoje é muito aberto pro s filhos. Meu pai ai conversa comigo, eu tinha que, ele queria que tivesse olhando pra dentro do olho dele. Pai o que o sinhô falô? Não depoi que você fecha assunto eu converso com você. Acabo. Num cunvesava mais, num ensinava mais nada com a gente, então a nossa criação, principalmente aqui, que isso aqui é terra de índio. A porque é desse jeito, ninguém se voltava falava atrás né. Ninguém pegava assim vou ensina, num é isso ai. Viu como é que é? E tem razão hoje, coitado dele num sabê como mestre de bricadera

se divulga melhor, conversa melhor porque os pais num passô tá. Pai ensino foi ele trabalha, ensino foi ele canta, ensino foi ele dança, bate pandeiro, bate viola isso foi que o pai dele ensino né. Nós ficamos apanhados, num que diz que foi com carinho não, como eu faço com meus filhos que eu tenho dois filhos que toca viola, toca violão. O meu filho taqui comprei uma escala pra você que você vai aprender isso assim mais aquilo outro, não a gente tinha que aprender era assim ó, num lugar muito escondido sem divulgação porque o velho Pedro Bom gado ele não teve assim uma mordomia de fazer uma divulgação do ticumbim do bom gado umas coisas tão bonitas antigas né. Ele num teve porque aqui era muito escondida. Também pra você vim num sertão desse que você vem hoje de carro, você vai gastar três horas em baixo dos matos andando, num tinha condição de ninguém vim aqui. É isso aí.

Cassimiro – É certo mesmo.

Fernanda – O Adolfo era filho do Seu Rafael Perera e eles era daqui região?

Caboquinho – Daqui da região também.

Fernanda – O Rafael Perera era daqui da região?

Caboquinho – É daqui da região. Dali do outro lado do rio.

Cassimiro – O Rafael era pai do Adolfo Perera. Papai era assim com eles.

Fernanda – Eles eram parentes seu pai e Rafael?

Cassimiro – Num era não, num era não.

Fernanda – O Rafael era escravo, foi escravo também?

Caboquinho – O veio Rafael acho que sim, acho que sim.

Cassimiro – Num lembro não.

Caboquinho – É porque, da licença, o veio Rafael foi o primeiro do Barão de Timbui, da escravidão que recebeu o ticumbi, foi o primeiro.

Cassimiro – Verdade.

Antônio – É família dele era daqui mesmo?

Caboquinho – Daqui mesmo.

Cassimiro – Daqui mesmo.

Antônio – Dessa terra aqui?

Caboquinho – Dali do outro lado do rio. É tudo encostado.

Fernanda – O sinhô disse que essa terra era terra de índio? Os índios também brincavam ticumbi?

Caboquinho – Não. Num brincava não. Índio num brincava não.

Cassimiro – Não. Num brincava não.

Fernanda – E por que os índios não brincavam o ticumbi?

Caboquinho – Não sabe por quê? Porque os índios quando a escravidão chegou aqui eles abandonaram, eles fugiram, foram embora num quiseram fica sabe, então fico com bem Itaunas. Itaunas ali é palavra de índio. Porque se chama Itaunas? Pedra preta né. Palavra de índio. Eles botaram nome Itaunas e aqui fico sendo sertão de Itaunas. Isso aqui era uma tribo de índio, mais eles num chegaram pra cá. A gente chegou vê, que disse cheguei vê não minha mãe falava isso que viu que passava aquele monte por aí, mais eu num cheguei vê isso também não.

Fernanda – O ticumbi era só dos pretos?

Cassimiro – Era.

Caboquinho – Olha. Isso aí é uma ótima pergunta que você faz. Eu quando conheci ticumbi e ele conheceu, não existia, como se dá o nome, não se existia ... exclusão não, brinca preto, brincava branco. Mais lá no Terto só brinca quem é preto, mais aqui não não é só preto não. O finado Rafael era um cabocado né.

Cassimiro – É.

Caboquinho – Finado Rafael não, esse ...

Cassimiro – Adolfo Perera.

Caboquinho – Adolfo Perera, que o finado Rafael eu também num conheci não.

Cassimiro – Eu também num conheci não.

Caboquinho – Conheceu também não?

Cassimiro – Não

Osvaldo – Adolfo Perera então já era meio, meio mestiço.

Caboquinho – Da sua cor.

Cassimiro – Mais escuro um pouco.

Caboquinho – Mais escuro um poquinho. Era mais alto.

Cassimiro – Mais alto.

Caboquinho – Então aí já foi mudando porque toda vida ia te pessoa clara que brincava como eu brinco até hoje como deve te mais gente que hoje que brinca nos seus bali de ticumbi da região e lá no Terto não. Lá no Terto. Terto ficou sem o violão eu disse Terto

se você quisé eu venho toca a viola pra você. Ò rapaz só se eu te de um banho de pinche, eu disse então vão para porai (risos). Viu como é as coisas.

Cassimiro – E aqui num tem desse negócio não. Brinca preto, brinca mulato.

Caboquinho – Eu não sei se são preconceito?

Cassimiro – Brinca preto, brinca mulato, brinca tudo.

Caboquinho – Todo mundo.

Cassimiro – Lá não. É dando mesmo (...) de é diz que é dando um banho de pinche pra fica mais preto (risos).

Caboquinho – Pricisa da um banho de pinche pra brinca.

Cassimiro – Pra fica preto?

Caboquinho – Não. Mais a palavra foi essa, ele prefere fica sem, mais num bota a pessoa; um eu, um você. Um você num entra, um você num entra no ticumbi do Terto ninguém entra, sabe? Aquele é um tradicional verdadeiro da gema, é do Terto.

Ferdanda – E esse aqui não é o tradicional não?

Caboquinho – ÉR também. Mais só que sobre a cor é deferente né. É um tradicional mais sobre a cor é deferente né. Num teve as condição. Num escolhi, vem cá você que é negro, você que é negro, aquele que sô branco, aquele que sô branco fora disso é desse jeito aqui.

Osvaldo – O sinhô poderia fala um poquim mais alto?

Caboquinho – então no ticumbi aqui não tinha deferença, entrava eu, entrava você, entra uns ... entrava não entra até hoje. Porque o que nois fazemos aqui uma, uma questão grande é o cara sabê canta e dança né Cassimiro?

Cassimiro – É.

Caboquinho – Mais é o canta, sabendo canta ele aprende o resto. Se canta o ticumbi num é fácil né (...).

Cassimiro – Num é não

Caboquinho – Canta ticumbi num é pra qualque um. Um que as veiz a gente conversa com muita gente, reporte. A mais você ta cantando eu num entendo que ele ta falando. A meu filho o que eu vo faze (risos) E é difícil de entende mesmo, se você num presta atenção num entende. Então é isso aí que acontece. Mais aqui é um ticumbi também tradicional, só que é desse jeito, não cor preconceito, é branco, é negro, é mulato, é qualquer cor entro ...

Cassimiro – Caboclo.

Caboquinho – É caboclo pode brincar. Lá do Terto não, lá do Terto não, lá só preto. Num adianta tema um da nossa cor. Nenhum de nois entra lá.

Cassimiro – Num entra não.

Caboquinho – Num adianta nem tema.

Osvaldo – O sinhô falo de duas mulheres aí que contava história. É no ticumbi teve, chego alguma época te mulheres não?

Caboquinho – Não. Nunca.

Cassimiro – nunca não.

Caboquinho – Numca. Olha. Posso falar um poquim? O ticumbi ele nunca chegou te mulhe, agora o que faz parte da mulhe é a roda de jango de São Benedito que é mulhe e home agora o ticumbi nunca teve mulhe não.

Cassimiro – Não tinha não.

Caboquinho – Nunca, nunca, nunca teve sabe. A mulhe nunca fez parte do ticumbi de São Benedito, nunca fez parte né. Agora da roda de jango de São Benedito qualquer uma mulhe, qualquer uma pessoa pode entrar, pode dançar. (...) não tem nada contrário, mais já no ticumbi não. No ticumbi num tem isso não, é só home.

Fernanda – Seu cassimiro. É e a sua, a sua era a Livina né?

Cassimiro – É.

Fernanda – E ela num contava histórias pro sinhô não da época que brincava o ticumbi antigamente? O sinhô num lembra de nenhuma não?

Cassimiro – Não. Ela num contava não. Ela moro muito anos aqui, mudo pra cá mais o veio. Eu era tinha doze anos fiquei junto mais ela até quando eu fiquei rapaz. Mais eu. Quando ela. Fazendo. Falô com os filhos Pedro Bom Gado, Adolfo Bom Gado queria morrer dentro da minha casa e como morreu mesmo, mais aça na beira do rio. Eles trusseram água em canoa de Itauna até aí. Aí (...) fico lá em casa até quando Deus levô ela.

Fernanda – E ela também era conhecida como Livina Bom Gado?

Cassimiro – é. Ela é mãe de Pedro Bom Gado.

Fernanda – Chamava ela de Livina Bom Gado também?

Cassimiro – É chamava sim.

Fernanda – Ou não?

Cassimiro – Chamava, chamava também.

Osvaldo – E o pai de Pedro Bom Gado?

Cassimiro – É num cunheci não. É Manuel Bom gado.

Osvaldo – Manuel Bom gado?

Caboquinho – Também num cunheci não.

Cassimiro – Manuel Bom Gado. Incusive eu tenho um irmã que chama Antônio Bom Gado, mais é Antônio Bom Gado, o nomer dele é Manuel. Você sabia disso?

Caboquinho – Sabia. E o Va...Valdiro, como é o nome dele?

Cassimiro – Claudemiro.

Caboquinho – Claudemiro.

Osvaldo – O sinhô. O avô do sinhô num conheceu. Só ouviu fala dele?

Cassimiro – Eu acho que era pequeno assim, pequeno assi num tem lebrança. Mais num conheci ele não, num cheguei cunhece ele não.

Osvaldo – O sinhô lembra de alguma música, mais antiga dessa que vocês cantaram que cantava assim no início do ticumbi quando começava lá a abertura do ticumbi? É assim vocês faziam a festa lá em Itaunas Velha é era isso?

Cassimiro – É. Eu já me esqueci tudo rapaz.

Caboquinho – O! isso ai se chama uma coisa que o mestre, como eu sô mestre, se ele fô compositô ele alembra, mais se é outro que faz ele só canta naquela hora , depois daquilo se pasa porque a gentem todo os baile de congo nosso de todo ano é escrito. Tem que faze. Enquanto você ta ali brincando você ta cantando ele, ta tudo. Eu hoje só tenho um verso de Pedro Bom gado. Um verso quando era criança desse tamanho. Um verso corpo de baile. Sabe? Ele chego na boca da viola canto assim :

“Foi quando Deus ando no mundo/ Em riqueza ele não falo/ Pois só falo em unidade/
que foi a lei que Deus dexo/ Que foi a lei que deus dexo.”
(cantado em coro)

Que dize que Deus num dexo grandeza pra ninguém. Dexo união sobre a matéria que foi em cima dessa ensinada pelo Bom Gado. Isso me dá até aviso quando eu canto essa idéia, sabe? Tem esse verso até hoje.

Osvaldo – É. É então quer dize que era quando Deus ando no mundo?

Caboquinho – Em riqueza num falo. Ele só falo em unidade que foi a lei que Deus dexo. Ai virava aqui

“Foi na porta do céu São Pedro ta rindo/ Foi na porta do céu São Pedro ta rindo/ Eu vi
São Benidito/ Eu vi São Benidito oooi/ bejando seu menino.”
(cantado em coro)

Mais foi de muitos anos não é dagora não (risos).

Osvaldo – Isso era da época do Pedro Bom Gado?

Caboquinho – Pedro Bom Gado.

Cassimiro – Pedro Bom Gado sim, Liberato Falcão.

Osvaldo – E Liberato Falcão. Pedro Bom Gado e Liberato Falcão?

Caboquinho – Os dois mestres. Mestre e contramestre.

Osvaldo – Os dois que fazia as músicas?

Caboquinho – É.

Osvaldo – então ta relacionando dois santos: São Pedro e São Benedito?

Caboquinho – É São Benedito.

Osvaldo – O devoto do ticumbi sempre foi São Benedito?

Caboquinho – Todos.

Cassimiro – Toda vida. Até hoje em dia ainda.

Caboquinho – Todos devotos sempre é São Benedito.

Osvaldo – Foi padroeiro né? O padroeiro que é São Benedito. Os devoto. Os integrantes do congo são devotos de São Benedito?

Caboquinho – Com certeza. Eu tenho uma matéria (risos) eu é que não vô falá.

Osvaldo – Fala aí. Canta. Pode canta, conta história.

Caboquinho – Eu tenho uma matéria que. Isso é importante em. isso é um cara que converso comigo há muitos anos, que São Benedito na África, aliais o ticumbi na África a lei eles fazia homenagem sobre as brincadera assim por uma galinha, uma qualche coisa. Então aquele ali que era o santo eles num sabia o que era santo. Ai o que acontece saiu um padre da Itália foi lá. Ai disse a cara vão apóia São Bene... porque viu aqui pra apresenta um santo, num que não nois samo negro. Não rapaz você pega esse santo, faz um santo pra vocês faze essa homenagem pra esse santo. Ele disse olha o negocio é o seguinte: Você nois só aceita um santo pra se, pra nois faze homenagem aqui se ele fô preto. Porisso fizeram São Benedito cresceu fizeram acata senhores da África que é o padroeiro até hoje (risos) viu como é que é? Mai é isso aí a brincadera e a gente acredita nela. Porque os congos de antigamente, os devotos de São Benedito não acreditava em Deus, acreditava em São Benedito. Tudo era São benedito. Tudo era São Benedito e não tinha outro santo pra eles, não existia Deus.

Antônio – No ticumbi assim ele representa. Se fosse escolhe uma palavra o que ele representa, São Benedito pro ticumbi?

Caboquinho – O que que ele representa? Bom. Você me falo eu vo fala uma coisa num sei se é o que você ta falando? O ticumbi São Benedito representa pra nois como ele é um dono da brincadera. Nois tomo homenagiando a ele. É isso ai que você falo? Então é isso ai.

Antônio – Seu Casimiro. Sinhô tem uma palavra?

Cassimiro – É essa ai que Caboquinho falo e ele ta certo, eu não tenho assim ...

Osvaldo – Seu Cassimiro sinhô disse assi que na época do seu pai voces matava porco assim, chegava na época de festa vocês matava. Porque que tem...?

Cassimiro – Porco de quize quilo pra dá o, o, os devotos, os congos come. Na hora de dava o insaio, dava o insaio ai ele num gostava de bibi..., ele bibia. Dava uma garafa de cachaça repartia com dezenove pessoa. Até se fosse a raiz dava um gole, agora quando terminava o insaio, o primeiro insaio ai botava janta pro congo come tudo; carde porco né. Chegava se farta né.

Caboquinho – Osvaldo. Antigamente a cachaça vinha em garrafa. Num era Cassimiro?

Cassimiro – Em garrafa.

Caboquinho – a garrafa de cachaça tinha que dá pra três insaio, dá pra três insaio. Vô conta um história pra vocês vê o que é uma história fantástica é isso ai. Em todo Bom Gado gent tai pra mais de trezentas pessoa no terrero esperando esse insaio. Pedro Bom Gado vai libera, balança o pandero. Encostava todo mundo. Ta esse aqui pra prova (...).

Cassimiro – É isso mesmo, Valeu.

Caboquinho – Olha aqui um copim dese tamaenzim. Um canequim braço, aquele canequim de mariquinha. Bebi entra, bebi entra, entrava. Liberato e Pedro Bom Gado fazia isso. Depois que tava todo mundo bebendo, será que tem pacto com o bicho. Eu era menino.eis saia, da casa dele eu acunpanhava. Eles tomava dois canquim daquele, mais nunca viro um copo de cachaça na vista de um congo dele.

Cassimiro – É. É verdade.

Osvaldo – Então cada, cada pessoa que chegava pra assiste o ensaio davaum poquim de cachaça?

Caboquinho – Dos componente ali.

Osvaldo – Há. Dos congos?

Caboquinho – Dos congo. Gente de fora tem uma coisa. Ele podia até dá, mais num dava não que num dava pra dá não era muito poco cachaça. E era três insaio. O sol saia, o dia clariava eles tão insaiando. E hoje não, hoje mudo ne Cassimiro? É só dois.

Cassimiro – É só dois insaio.

Caboquinho – Dois, um mal. Era três insaio.

Luiz – Porque esses ensaios tinha que se a noite?

Caboquinho – Sabe por quê? Isso aí é uma pergunta que você me fez. Eu gosto de ouvi essas pergunta assim. É porque a noite no tempo da escravidão, isso já faz parte da escravidão. Era hora que os negros tava de foga, só podia insaia a noite. Entendeu? Só podia insaia a noite. De dia todo mundo tava trabalhando. Então a brincadeira de São Benedito ela é uma brincadeira a noite, ela não é uma brincadeira o dia. Certo?

Luiz – Isso na noite. O ensaio sempre foi da noite trinta pra trinta e um?

Caboquinho – Não. Aí se dá o nome do insaio geral pra festa né porque porexemplo, aqui tem um baile de congo de São Benedito, qualque um deles aí. Entro em dezembro eles tão insaiando todo sábado, todo sábado, todo dia vinte o dia da festa de São ..., dia vint...dezoite a festa de São Benedito apresenta. Porque que dize o insaio. Você vai aprende mais, você vai tá com seu corpo manero, você vai tá melho de viola, você vai tá melho de garganta. Isso tudo é o que o ticumbi pede, sabe? I tem que se a noite. I a história de você insaia a note se chama lei da escravidão.

Osvaldo – Então. É Só dando, contextualizando aqui porue do trinta pro dia trinta e um Luiz é o ticumbi lá de Conceição da Barra, o daqui, é o daqui é de...

Caboquinho – Dezenove e vinte de janeiro.

Osvaldo – É. Que eles comemora São Benedito e São Sebastião ...

Caboquinho – As Barrera no dia dez né? Dez ou onde na barrera.

Osvaldo – Segundo final de semana (...)

Caboquinho – eu vô lá, eu vô lá. Sempre quase todo ano eu vô lá. Eu num vô com o grupo não vô só passia.

Osvaldo – A gente tava valando do porco, do processo assim que vocês matava, matava porco. Por quê, que matava porco?Tinha, tinha algum, algum oferecimento do porco pra São Benedito, como era essa história?

Cassimiro – Não. Não tinha.

Caboquinho – O oferecimento pra São Bendito não tinha. Sabe por quê? Porque todos os congo não morava aqui nessa região. Congo morava lá perto de Pedro Canário, congo morava em Itauna e aqui tudo era mata.

Cassimiro – Num tinha estrada de carro.

Caboquinho – Que foi a infelicidade que a Aracruz fez. Começa falá um pouco. Então essas pessoas essa hora saio de casa pra passa pela aquela mata, pra passa por tudo quanto é canto, ele chega aqui no ponto ali embaixo cinco, seis, sete hora da noite. Então ele não tinha aquela condição de sai jantado. Então cada um insaio que se fizesse na casa de qualque um, essas pessoas tinha que te esse compromisso de dá a janta prus congos, compromisso. Não é homenagem não, sabe? É um compromisso sobre parte material que é prus se alimenta pra agüenta a brincadeira né.

Osvaldo – Mais esse devotos que davam o porco, a comida eles eram devotos de São Benedito?

Cassimiro – Era.

Caboquinho – Era. Devoto de São Benedito. Purixemplo você. Eu tenho um grupo como eles tinha aqui. Você mora lá em conceição da Barra. Cassimiro você vai lá. Vô. Porque marca certo que um grupo de ticumbim aonde convidá ele vai e elevai e ele vai mesmo.

Cassimiro – É.

Caboquinho – Então lá você vai trata desse jeito. Vai dá um ajanta. Embora que não seja um porco. Que seja uma carne, que seja uma galinha, que seja o café você é obrigado contribui com isso aí, sabe? Isso aí que o é. Mais num é homenagem a ninguém não. É homenagem a pancinha da gente (risos).

Luiz – A região aqui sempre foi rica na criação de porcos. O porco oferecido a esses integrantes como janta é devido a essa facilidade?

Caboquinho – Outra pergunta bonita que ele jogô que eu gosto de vê essas aí. Olha essas aí é umas perguntas tão decente que eu gosto de ouvi. Porque, já começando fala da Aracruz outra vez. A Aracruz discharacterizo a nossa, a nossa cultura. Porque aqui tinha porco, isso aqui tinha gado, todo mundo tinha porco, todo mundo tinha gado, todo mundo sua casa de farinha, todo mundo fazia seu beju, todo mundo fazia sua farinha de amendoim, fazia sua tapioca, fazia de tudo pra você se alimenta. Sabe? Mais aconteceu esse disacerto de mil novecentos e setenta pra cá e acabo cara, acabo. Como hoje um grupo de ticumbi ele pode sai mais num vai sai pensando que vai se bem alimentado na sua casa porque a gente vai lá homenagia mais não contando se bem servido porque a cultura acabo.

Ricardo – Oque aconteceu em setenta pra cá?

Caboquinho – É isso aí que você tá vendo.

Ricardo – quem ouviu que não conhece aqui, vai tá vendo o que. O que aconteceu? Só pra entende assim rapidim.

Caboquinho – Quem não viu, quem não conhece acontece. Me amarrô um poquim. Quem discup...(…)

Fernanda – Fala o que tem aqui hoje qui ...

Caboquinho – Agora sim. De setenta quem não conheceu o que tinha, hoje ele só aprova que aqui nunca teve nada, porque hoje aqui num vê mais nada, num se vê mais nada.

Luiz – Num se tem mais nada por causa de quê?

Caboquinho – Por causa da devastação que a Dona Aracruz fez em todas terras das comunidade ela acabo né.

Ricardo – Fez o que na terra?

Luiz – Devastação como assim?

Caboquinho – Ah! Encheu de eucalipto ao redó, foi acabando com tudo. Eu não quero se entrevistado sobre a Aracruz não (risos).

Ricardo – Mais foi você que começo fala. A pessoa num ta vendo, num entende o que você ta falando ...

Caboquinho – Porque ele tem aqui o terrenozim dele como eu conheço aqui, não era esse tamanho não. Agora você vai assuntando onde ta o eucalipto. Ali num tem mais uma paca, ali num tem mais um tatu, ali num tem uma cardo de coisa, ali num tem mais nada. A a gente foi criado com esses bicho também, sabe? Num devia dá tiro,mais nois dava pra come, sabe? Se chama o quê? Devastação de uma empresa maio que o mundo, num é?

Luiz – É voltando aqui ao ticumbi. Qual é diferença do ticumbi para o terno de reis?

Caboquinho – Olha. A defereça o ticumbi pro terno de reis, uns fala, que eu mesmo num entendo terno de reis. Já fui convidado muitas vezes pra toca violão, eu digo num vô que eu num entendo. Porque é sempre bom entende as coisa que ele ta fazendo. Porque ele num ta fazendo num é importante se, se entra nesse barco. Então fala alguns mestre de reis, que eu sinto todos eles fracos, porque as perguntas que vocês tão me fazendo eu já fiz com todos eles. Que o reis é a parte do nascimento de Cristo, mais só que daí só sabe que é isso num sabe conta mais como crio, como é que foi como é que não foi. E como eu também num sei conta. Acho bonito e tudo, mais tem uma coisa. Me refiro, o bonito de qualque uma brincadera não é o canto, o bonito da brincadera é a uma raiz. O bonito da brincadera é isso ai, a raiz da brincadera.

Osvaldo – Voltando pra festa ali. Pra gente não prolonga. É o sinhô falava da farinha, do biju tal. Farinha e biju nessa época ai que Pedro Bom Gado que vocês eram crianças, vocês se lembram ela fazia parte do ensaio, quando você tinha ensaio, que tinha carne de porco, tinha farinha, tinha ...

Caboquinho – Mais com certeza. Aquela farinha de côco gostosa, aquele beju muito arrumado, aquele bolo feito na palha de banana. Isso era que servia todas pessoas que tava ali em volta assistindo os insaios da gente todo mundo conversa fina. Só que nunca foi de sobra. O insaio de ticumbi de Pedro Bom Gado fracaçava,mais tudo sobrava. Era farinha, era carne de porco, era ... era beju, era farinha de tapoca, era tudo, farinha de

amenduim, tudo a terra que dava pra substituir o ser humano assim e hoje a terra aqui hoje num dá mais isso.

Cassimiro – Num dá mais nada.

Caboquinho – Porque se acabou tudo né.

Fernanda – Seu Cassimiro. Tem casa de farinha aqui ainda?

Cassimiro – Casa de farinha?

Fernanda – Isso.

Cassimiro – Aqui num tem não senhora.

Caboquinho – É uma pena.

Cassimiro – Tempo de farinha. Sabe muito tempo, mais era muito longe daqui.

Fernanda – Vocês já tiveram?

Cassimiro – Lá vão supondo. Lá em baixo.

Caboquinho – Isso aqui eu conheci três casa de farinha.

Cassimiro – Ô esse mesmo. Um ali num era.

Caboquinho – Era.

Cassimiro – De Noiu.

Caboquinho – É. E outro ali em baixo.

Cassimiro – É.

Caboquinho – E o lá em baixo. Não assim papai que vê lá no pólo da Santa de dona casa nosso filho tinha uma casa de farinha e dona Helena tinha ota.

Cassimiro – É isso mesmo.

Caboquinho – Acabou. Hoje em dia num tem mais nada. Isso é uma pena cara. Vocês precisam de um jeito de resgatar essa coisa de volta (risos).

Osvaldo – Sim.

Fernanda – Seu Cassimiro, eu posso fazer mais uma pergunta pro sinhô?

Cassimiro – Pode.

Fernanda – Pode fazer pra vocês né?

Cassimiro – Pode.

Caboquinho – Pode, pode.

Fernanda – Talvez vocês já conviveram com Pedro Bom gado né? Então eu queria saber assim se o mestre de ticumbi daqui tinha alguma relação, ele conhecia o pessoal do ticumbi de lá de São Benedito da Barra. Conhecia?

Cassimiro – Conhecia.

Fernanda – Eles brincavam juntos, eles eram ...?

Cassimiro – Não. Não brincava não.

Fernanda – Não?

Cassimiro – Não senhora.

Fernanda – Eles eram parente, tinham ...?

Cassimiro – Não (...) qual é nome do (...)?

Caboquinho – Tertolino.

Cassimiro – Tertolino.

Oswaldo – É o pai de Terto que lê tá falando. É Manuel Jerônimo parece que é.

Cassimiro – É. Di lá nós não brincava lá não.

Fernanda – Mais vocês iam no ensaio deles?

Cassimiro – Tinha vez que a gente ia, tinha vez que a gente não ia não né. Eles também nunca tinham ido ao ensaio aqui não.

Fernanda – Não?

Cassimiro – Não.

Oswaldo – Agora o Seu, o Seu Caboquinho tá falando da diferença do ticumbi do Terto pra o ticumbi daqui. É a outra questão. Depois a gente volta essa questão de diferença. Só pra gente fazer uma demarcação do tempo aqui. O Seu, o Seu Cassimiro foi mestre até que ano Seu Cassimiro?

Cassimiro – Rapaz eu nem to lembrado, hummm. Dois, dois mil, dois mil e um e dois, sei lá.

Caboquinho – Não.

Cassimiro – É não. Acho que sim sim. Sei lá.

Caboquinho: O velho Pedro Bongado tem 51 (cinquenta e um) anos de morto. (...) Então a brincadeira ficou dois anos parada. Aí eu entrei pra brincar, quer dizer, tem 53 (cinquenta e três) anos, é isso? Cinquenta e três anos.

Osvaldo: Cinquenta e três. Então ele morreu lá pra mil novecentos cinquenta e cinco por aí?

Caboquinho: Exatamente! Eu ‘tava com dezessete anos.

Cassimiro: Ah! É verdade.

Caboquinho: Então, com dois anos depois, eu já entrei, com dezenove anos na brincadeira. Cassimiro brincou de mestre, mais ou menos, de cinquenta e oito até mil novecentos e sessenta e cinco. De mestre.

Osvaldo – Sim.

Caboquinho – De mestre. Agora da pra calcula quantos anos.

Osvaldo – Mais ai depois que ele largo de se mestre quem entro como mestre?

Caboquinho – Rapaz quem entro como mestre ai já foi vira, já posso tanto, tanto que nem sei que falá.

Cassimiro – Também nem sei quem é.

Caboquinho – Só considero que o mestre é ele. Você num tem ota pessoa pra chega a num se a ele no ticumbi.

Antônio – Sete ano.

Osvaldo – Brinco por sete ano.

Caboquinho – Quanto?

Antônio – Sete ano. Cinquenta e oito a sessenta e cinco.

Caboquinho – É de guia né. É isso mesmo.

Osvaldo – Ta. Pra gente fechá, aquilo que você tava falando da diferença do ticumbi do Terto pus ticumbis daqui. O sinhô saio do ticumbi do Bom Gado em que ano?

Caboquinho – Eu? Sai do ticumbi dos Bom Gado em dois mil.

Osvaldo – Dois mil? Pois é. O sinhô entro em cinqüenta e sete saiu ...

Caboquinho – Dos Bom gado ...

Osvaldo – Isso.

Caboquinho – Em dois mil.

Osvaldo – Saio em dois mil. O sinhô brinco quarenta até sai o sinhô brinco quarenta e dois quarenta e três anos.

Caboquinho – Quarenta e dois na minha fia aqui essa cubação.

Osvaldo – Ai o sinhô voltou recentemente sinhô crio aquele ticumbi...?

Caboquinho – Aquele ticubim dos quilombolas.

Osvaldo – Ticumbi dos quilombolas? Que foi?

Caboquinho – Na comunidade Santa Clara.

Osvaldo – Que foi lá pra comunidade de Angelim?

Caboquinho – Ixatamente.

Osvaldo – Ta então assim de um lado tem o ticumbi lá dos pretos do Seu Terto.

Caboquinho – Ixatamente.

Osvaldo – Daqui o ticumbi do Bongado o sinhô tava falando que já era um ticumbi meio mestiço assim.

Caboquinho – Sobre cor né.

Osvaldo – Sim. Sobre cor.

Caboquinho – Sobre cor.

Osvaldo – Por que tinha alguma outra coisa alem da cor assim?

Caboquinho – Bom. A gente se refere isso ai sobre lá do Terto. Porque lá do Terto um eu, um você num brinca lá. Ele exige mesmo. E nois aqui não, num usamo esse preconceito no ticumbi. Se o cara é bacana ele entra ele brinca. Nois que sabe o comportamento da pessoa. Nois num escolhemo cor né. Lá no Terto é deferente. Lá no ticumbi mesmo só entra quem fô da cor deles. São tudo de uma cor só. Quem entra lá é só daquela cor mais ninguém. É Quino, é os filhos, é filho de Terto, é Terto.

Cassimiro – É Gaudêncio, é Miltim.

Osvaldo – O senhor falou ticumbi dos quilombolas. O senhor acha que o ticumbi é um patrimônio cultural ligado aos quilombolas?

Caboquinho – Com certeza. Com certeza que é, né? Isso é uma coisa mais certa que se pode falar. Por quê? Porque os quilombolas eles faz parte da escravidão e da escravidão o ticumbi faz parte da escravidão também, né? Então eu acho que a primeira coisa que tem que fazer é isso aí. Ticumbi é da escravidão, ticumbi é dos quilombola então eu acho que é isso aí que tem ser, né?

Osvaldo – Sim. O senhor acha que os quilombolas são necessariamente pretos ou não. Como é isso?

Caboquinho – Bom. Essa pergunta aí eu torno a te transferir ela, porque essa palavra eu não entendo ela muito bem, mais eu acho que os quilombola realmente se dá o lance quilombola que eles foram agredidos, mais eu acho que foi preto, foi branco, foi tudo... Eu acho que num tem divisão sobre isso aí não, né? Acho eu, também num vou te falar essa palavra com certeza, não. Porque as pessoas que perderam seus direitos. Que a princesa Izabel gritou a liberdade. Que foi a mulher mais ruim. Você entende isso? A princesa Izabel, a princesa Izabel gritou a liberdade, deixou todo mundo liberto? Não! Mais cadê o pedaço de terra que ela deu pra um? Cadê o direito que ela deu pra outro? Ela num deu nada pra ninguém. Você concorda com isso? Então ela não (...) pego as pessoas principalmente os escravos que não são raiz daqui, largou em cima de um mundo sem fim, porque esse tipo de gente, essas pessoas que trabalhou com o Barão de Timbui ali, que foram os escravos, que apanharam, que eu conheci o tronco. Você conheceu o tronco?

Cassimiro – Conheci, conheci.

Caboquinho – Dessa grossura assim com a corrente com cada elo desse comprimento e uma algema. Onde nós vão passar agora. Agora você num sabe quantos dias nem quantas horas aquela pessoa levava com aquela peça ali em pé, você num sabe disso, né? Então a princesa Izabel ela foi uma pessoa que ela num fez uma grande coisa, não. Ela largou o país completamente abandonado. Eu acho que ela saiu e deveria dizer assim: a terra é o Brasil e quem vai ter direito nessas áreas são os quilombolas, os escravos e os índios. Pronto e acabou. Acho que o negócio era esse. Não era entrar o homem branco aqui dentro não.

Fernanda – Ta pegando chuva

Osvaldo – É engrossou de mais. Agora não vai ter jeito mesmo Seu Caboquinho.

